

# INTRODUÇÃO

JÓÃO CARLOS GONÇALVES SERAFIM

Em Portugal, entre os fins da Idade Média e os alvares da Modernidade, são raros os sinais do cultivo de textos proféticos: são as pistas deixadas por Fernão Lopes<sup>1</sup>, as notícias dos tempos de D. Manuel<sup>2</sup>, o caso das afamadas Trovas do sapateiro de Trancoso escritas por volta de 1530<sup>3</sup>..., e ainda o caso de Simão Gomes, o «sapateiro santo»<sup>4</sup>...

No entanto, há um período da cultura portuguesa em que confluem uma série de factores propiciadores de um clima particularmente fervoroso na leitura

<sup>1</sup> O cronista conta que, pouco antes do Mestre de Avis matar o conde de Andeiro, chegou a Lisboa um homem castelhano que vivera em Jerusalém emparedado... Logo que chegou à cidade, «disse que o levassem a huíña alta barroca açerca do mosteiro de São Framçisco desse lugar; omde avia huíña prove casa bem pequena, e que lhe çarrassem a porta, salvo huíña estreita janella que ficasse pera vista, e que Deos o proveeria alli do que lhe neçessario fosse. Fezeromno assi aquelles que disto tomarom cuidado (...); e vivemdo alli o homem boom em aspera e apertada vida, começaram as gētes daver em elle tall devaçom, visitamdo com suas esmollas de que ell pouco tomava, que todos o aviam por samto, e que Deos lhe trevellava muitas das cousas que eram por viinr». O mestre de Avis teria consultado este vidente que o aconselhou a não sair de Lisboa, porque «a Deos prazia de ell seer rregedor» de Portugal – Fernão LOPES, *Crónica de D. João I*, Livraria Civilização, vol. I, s.d., p. 48; Segundo alguns, a «argumentação profética», astrológica, ou fantástica, o uso de símbolos religiosos e políticos, a formação de mitos, testemunhariam o facto de, nestes tempos, se viver um clima cultural influenciado pelas ideias joaquimitas – Cf. Margarida Garcez VENTURA, *O Messias de Lisboa – Um estudo de Mitologia Política (1383-1415)*, Cosmos, Lisboa, 1992, pp. 50-51.

<sup>2</sup> Alguns outros – embora de uma forma pouco escorada... – defendem que os descobrimentos e a expansão ultramarina provocaram o «renascimento» de referências Joaquimitas..., e a Corte de D. Manuel (1495-1521) teria vivido numa ambiência profética, cruzadística e joaquimita que se manifestará na pretensão de levar a cabo uma cruzada sobre Jerusalém que efectivasse a libertação da Terra Santa. Nos afamados momos que se celebraram no natal de 1500 eram feitas alusões à sonhada «passagem» – Cf. I. S. RÉVAH, «Manifestations théâtrales pre-vicentines: les “momos” de 1500», in *Bulletin d'histoire du Théâtre Portugais*, III (1952), 91-105; Em 1506 o monarca escreve duas cartas ao Cardeal Cisneros em que revela estar a fazer diligências para tal empreitada – Cf. Costa BROCHADO, «A espiritualidade dos descobrimentos e conquistas dos Portugueses», in *Broteria*, tomo 40, 1945, pp. 25-42; D. Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos* (ed. de Eugenio Asensio), Acta Universitatis Conimbricensis, Coimbra, 1958, p. XXVI; Entre 1509 e 1521 D. Manuel recebe missivas das terras do Preste João, que o animavam a protagonizar a conquista do Santo Sepulcro – Cf. Luís Filipe BARRETO, *Viagens de Bartolomeu Dias e Pero da Covilhã*, Lisboa, 1988, (doc. 26, 45-46, 50); Numa outra que Afonso de Albuquerque lhe escreve da Índia – em 25 de Outubro de 1512 – refere-se um manuscrito de um frade franciscano de nome João Alemão, que Eugenio Asensio pensa ser o mesmo «Fr. Juan Alemán» – ou «Alamany», «Unay ou Uray Alemani» – autor de um manuscrito de carácter apocalíptico intitulado *Libro que habla de los grandes hechos*... No entanto, é pouco provável que a homonímia tivesse o mesmo referente... – Cf. Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos*..., ed. cit., p. XXVIII; José Adriano de Freitas CARVALHO, «Conquistar e profetizar em Portugal dos fins do Século XIV a Meados do século XVI – Introdução a um Projecto», in *Revista de História* (C.H.U.P.), XI (1991/ 1993), pp. 85-86.

<sup>3</sup> Numa primeira fase, tiveram uma proliferação extraordinária principalmente na comunidade cristã-nova e, por isso, mereceram censura inquisitorial em 1541. Do ponto de vista do tribunal, o texto, que os inquisidores tinham em mãos, estava a sofrer, injustificadamente, interpretações de tonalidades messiánicas... – Cf. João Carlos Gonçalves SERAFIM, *Gonçalo Anes, o Bandarra, Sapateiro de Trancoso*, (Tese de Mestrado em História da Cultura Portuguesa – Época Moderna), F.L.U.P., Porto, 1996, pp. 64-84.

<sup>4</sup> Cf. José Adriano de Freitas CARVALHO, «Um Profeta de Corte na Corte: O caso (1562-1576) de Simão Gomes, o “Sapateiro Santo” (1516-1576)», in *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Porto, 1993, p. 237.

e circulação de textos do género, muitos deles posteriormente aproveitados e reescritos. Referimo-nos ao tempo que compreende, grosso modo, entre o desastre de Alcácer-Quibir e o fim do domínio filipino (1578-1640). Pêro Roiz Soares – que não se esqueceu de copiar algumas e referir outras... – ao pintar o clima dramático que se viveu aquando da recepção das notícias trágicas de Alcácer-Quibir, conta que «não ficou feitiseira nã adevinhadeiro nã beato nã beata que não viesse a baila mas como sambechugas chupavão as donas as fidalgas de maneira que ficou sendo o pentecoste das feitiseiras que ate ao aljube as hião buscar...»<sup>5</sup>. E as profecias do Bandarra – mandadas recolher em 1541 pelo Tribunal do Santo Ofício – eram, nesta conjuntura, copiadas e lidas à saciedade na tentativa de nelas se encontrarem respostas para tantas incertezas<sup>6</sup>...

Depois da morte do Cardeal D. Henrique, muitas das esperanças nacionalistas concentraram-se de forma particular na pessoa de D. António, o Prior do Crato, que no dia 25 de Agosto de 1580, no vale de Alcântara, com um grupo de tropas improvisadas, tenta fazer frente ao numeroso e bem armado exército comandado pelo duque de Alba<sup>7</sup>. Para os mais fiéis seguidores, era o início de longos anos de desaire e sofrimento... Depois de um breve exílio em França, participam na expedição comandada pelo General Filipe Strozzi e, mais tarde, na que coordenou o Comendador de Chaste à ilha Terceira<sup>8</sup>... E a partir de 1583 vivem doze longos e dolorosos anos de exílio em França e em Inglaterra, com esporádicos momentos de esperança sempre condenados ao fracasso<sup>9</sup>...

<sup>5</sup> Pêro Roiz SOARES, *Memorial*, Leitura e revisão de M. Lopes de Almeida, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1953, p. 102.

<sup>6</sup> Cf. D. João de CASTRO, *Paraphrase e Concordancia de algũas propheçias de Bandarra, Çapateiro de Trancoso*, Paris, 1603, p. 5 r.

<sup>7</sup> Cf. *Colección de documentos inéditos para la Historia de España*, vol. VII, pp. 327 a 331; XXVII, pp. 366 e sgts; Damião PERES, *1580 – O Govêrno do Prior do Crato*, 2.ª edição, Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1929, pp. 96; 99; D. João de CASTRO, *Tratado dos Portugueses de Veneza ou Ternario, Senario, e Novenario dos Portugueses, que em Veneza soliçitaram a liberdade d'El Rey Dom Sebastião Nosso Senhor. Com mais hũa breve mençam do Senhor Dom Antonio*, Paris, 1622-1623, B.N.L., cód. 4387-88, p. 50 r.; Rafael VALLADARES, *A Conquista de Lisboa (1578-1583) – Violência Militar e Comunidade Política em Portugal*, Texto, Lisboa, 2010.

<sup>8</sup> A nova realza de Filipe II foi mal recebida nos Açores. A ilha Terceira tornar-se-á o último baluarte das forças de D. António. A primeira tentativa de defender a Terceira foi através da armada preparada em França e comandada por Filipe Strozzi e que viria a ser derrotada ao largo de S. Miguel em 26 de Julho de 1582. No ano seguinte, a expedição do Comendador de Chaste verá igualmente defraudados os seus objectivos – Cf. Joaquim Veríssimo SERRÃO, *O Reinado de D. António Prior do Crato*, volume I, Coimbra, 1956, 395; 422.

<sup>9</sup> Depois da derrota da «armada invencível», por exemplo, a rainha de Inglaterra achou propícia a ocasião para ferir ainda com mais profundidade as forças de Espanha. Por isso, no ano de 1589 preparou uma «armada de mar» com o intento de tomar a Corunha e empreender, a partir dali, um ataque a toda a costa de Espanha... Neste contexto, D. António consegue o patrocínio para tentar tomar o trono de Portugal – Cf. Pêro Roiz SOARES, *Memorial...*, ed. cit., pp. 288-294; Durval Pires de LIMA, «O Ataque dos Ingleses a Lisboa em

E quando se esgotaram as esperanças não faltaram espíritos argutos para congeminar outras soluções... O mais ousado foi um D. João de Castro, neto do homónimo e famoso vice-rei da Índia que confessa ter «inventado» com exclusivos intuítos políticos – numa primeira fase claramente para descredibilizar o senhor que seguira... – a ideia de D. Sebastião estar vivo, que pretendia sustentar com especulações proféticas recuperadas, como veremos, de um passado nacional próximo e de uma tradição europeia que foi conhecendo e apropriando...

Foi precisamente no ano de 1587 – depois de, com um outro ilustre português, um D. António de Meneses, ter deixado o Prior do Crato em Inglaterra... –, cansado de tantas contrariedades e desiludido com a inaptidão governativa e ingratitude do pretendente exilado, que procurou materializar a sua insatisfação recolhendo e comentando textos proféticos. O que estava em causa era encontrar uma justificação para as suas tomadas de posição, conseguir uma explicação para a recente vida pátria, procurar uma chave de leitura dos acontecimentos... E pouco a pouco, começou a ganhar um inesperado gosto pelos textos, particularmente por aqueles que «fallavam de hũ príncipe futuro, que avia de ser conquistador do mundo, dando d'elle, e do tempo em que o avia de aver, particularissimos, e notabillissimos sinaes»<sup>10</sup>. Foi aprazimento que não mais perderia até ao fim dos seus dias... A sua vastíssima obra, escrita durante os cerca de quarenta e cinco anos de exílio, tem uma relação essencial com os textos proféticos<sup>11</sup>. Ele

---

1589 contado por uma testemunha», sep. de *Lisboa e seu Termo. Estudos e documentos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1947; Fernão Rodrigues Lobo SOROPITA, *Poesias e prosas inéditas*, ed. Camilo Castelo Branco, Porto, 1868, pp. XXV-XXVI, 13-20; 160-161; André Falcão de RESENDE, *Carta que o Autor escreveu a hum seu Amigo em que se conta a vinda dos Ingreses a Lixª com dom Antonio Prior do Crato no Ano de Mil e quinhētos e oytenta e noue anos*. «Ineditos da Bibliotheca da Universidade de Coimbra», *Archivo Bibliographico da Universidade de Coimbra*, Vol. I (1901), pp. 13-16; 27-32; 41-42; Eduardo Freire de OLIVEIRA, *Elementos para a história do Município de Lisboa*, 1.ª parte, tomo II, Lisboa, Tipografia Universal, 1885. pp. 60-63; Mário BRANDÃO, *Coimbra e D. António I, rei de Portugal*, vol. III – *Documentos de 1582 a 1598* –, Coimbra, 1947, pp. 71-74; R. B. WERNHAM, *The Expedition of Sir John Norris and Sir Francis Drake to Spain and Portugal*, Londres-Aldershot, Temple Smith (publications of the Navy Record Society, 127), 1988.

<sup>10</sup> D. João de CASTRO, *Tratado dos Portugueses de Veneza...*, ed. cit., p. 503 r.

<sup>11</sup> Para além de pequenos escritos, guardam-se na Biblioteca Nacional de Lisboa as seguintes «obras maiores»: D. João de CASTRO, *Discurso da vida do sempre bem vindo, e apparecido Rey Dom Sebastião nosso senhor o Encuberto des do seu nascimẽto tee o presente: feito, e dirigido por D. João de Castro aos tres Estados do Reyno de Portugal: comvem a saber ao da Nobreza, ao da Clerezia, e ao do povo*. Em Paris por Martin Verac, morador na rua de Judas. M.D.C.II. Com privilegio de El Rey, 135, [1] f.; D. João de CASTRO, *Ajunta ao discurso preçendente aos mesmos Estados pello mesmo autor: em a qual os advirte de como El Rey de Hespanha se ouve com El Rey D. Sebastião, depois que o teve em seu poder (...)* [s. l.; s. n.], 1603. 45 f.; D. João de CASTRO, *Paraphrase e Concordancia de algũas prophcias de Bandarra, Çapateiro de Trancoso*, Paris, 1603; D. João de CASTRO, *Discurso fallando com El Rey D. Sebastião*, B.N.L., cód. 4389; D. João de CASTRO, *Da quinta e ultima Monarquia futura, com muitas outras cousas admiraveis dos nossos tempos*, (na versão latina: «*De quinta e ultima Monarchia futura, rebusque admirandis nostri temporis*»), Paris, 1597, B.N.L., cód. 437; D. João de CASTRO, *A Aurora da Quinta*

próprio o reconhece quando diz: «nellas [profecias] me fundei pera o que disse, e digo: pera o que tenho escrito e hey de escrever»<sup>12</sup>... Foi, de facto, nestes tempos difíceis, entre os portugueses – em Portugal e no exílio – o mais fervoroso crente, o mais fiel, persistente e desinteressado cultor de profecias<sup>13</sup>...

E entre as muitas obras produzidas – pelo momento em que foi escrita, pela centralidade que representou na relação com os escritos anteriores e posteriores e pelo enlevo que o autor nela pôs ... –, *A Aurora* revelou-se fulcral e representativa daquilo que D. João de Castro de melhor queria legar. Demorem-nos um pouco nestas três razões.

\*\*\*

«Hoje sete de Outubro de Mil, e seiscentos e quatro, nesta çidade de Paris, dou a primeira pennada neste Tratado da Aurora, annunçio do sol, que nunca tarda

---

*Monarchia, que ha de ter a Christandade na Conquista Universal do mundo; de que hão de ser as príncipaes Cabeças Quatro Reys, sendo hũ d'elles El Rey Dom Sebastião, coroado por Emperador: com outros muitos Príncipes, e Potentados, futuros Conquistadores*, Paris, 1604-1605, B.N.L., cód. 4373-75; D. João de CASTRO, *Tratado Apologetico contra hũ libello diffamatorio que imprimiram em França çertos Portugueses com o titulo seguinte: Resposta que os tres Estados do Reyno de Portugal, a saber, Nobreza, Clerezia e Povo, mandaram a Dom João de Castro sobre hũ livro que lhes dirigio, sobre a vinda e apparecimento del Rey Dom Sebastião*, Paris, (1604), B.N.L., cód. 4385; D. João de CASTRO, *Novas flores sobre a Paraphrase do Bandarra, com algumas retratações do Author*, Paris, 1607, B.N.L., cód. 4377; D. João de CASTRO, *Segundas Exposiçoens mais amplas, e com outras declaraçoens sobre o Apocalypse*, s.d., B.N.L., cód. 4378; D. João de CASTRO, *Declaraçoens a alguns Capitulos do Propheeta Daniel*, B.N.L., cód. 4379; D. João de CASTRO, *Segunda parte da Paraphrase, e Concordança das Prophecias e Trovas de Gonçallo Anez Bandarra Çapateyro de Trancoso: que não foram postas na primeira*, Paris, 1614, B.N.L., cód. 4380; D. João de CASTRO, *Tratado das Ordens: Ornamento, Honra, e Gloria de quatro Ordens, de que prophetizou o Veneravel Abbade Joaquim, em testemunho, e trofeos dos illustres merecimentos dellas, e delle*, Paris 1614-1620, B.N.L., cód. 4376; D. João de CASTRO, *O Anticristo, ou Prophecias, e Revelaçoens sobre elle*, Paris, 1615-1616, B.N.L., cód. 4381-83; D. João de CASTRO, *Avizos Divinos, e Humanos pera os Memorandos Conquistadores da Terra da Promissão dos nossos tempos, que he todo o Universo*, Paris, 1617, B.N.L., cód. 4384; D. João de CASTRO, *Renovaçam do Tratado Apologetico que eu Dom João de Castro compus, contra hũ livro defamatorio, que algũs Portugueses contra mim fizeram, e imprimiram, na cidade de Paris*, 1620, B.N.L., cód. 4385; D. João de CASTRO, *Paineis Divinos, onde se representão algũas das grandes Merçes que Deos tem prometidas ao seu Povo Occidental da Igreja Romana; com algũas particularidades ja feitas por elle aos Reys de Portugal, e aos Portuguezes*, s.d., B.N.L., cód., 4386; D. João de CASTRO, *Tratado dos Portugueses de Veneza ou Ternario, Senario, e Novenario dos Portugueses, que em Veneza solçitaram a liberdade d'El Rey Dom Sebastião Nosso Senhor. Com mais hũa breve mençam do Senhor Dom Antonio*, Paris, 1622-1623, B.N.L., cód. 4387-88; D. João de CASTRO, *Segundo Apparecimento del Rey D. Sebastião Nosso Senhor, dezaseisto Rey de Portugal: com a repetição Summaria do primeiro, e de toda a sua vida. Dirigido aos Tres Estados do Reyno de Portugal, a saber, ao da Clerizia, ao da Nobreza, e ao do Povo*, s.d., B.N.L., s.d., cód. 4390.

<sup>12</sup> D. João de CASTRO, *Segundo Apparecimento del Rey D. Sebastião...*, ed. cit., p. 62 v.

<sup>13</sup> Cf. João Carlos Gonçalves SERAFIM, *D. João de Castro, «O Sebastianista» – Meandros de vida, e razões de obra*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2004, pp. 156-198.

apos ella, nem a faz mentirosa: antes erguendose lhe soccede tanto mais fermoso, quanto mais fermosa ella appareçe»<sup>14</sup>... Passara sensivelmente um ano relativamente à data da sentença do agora declarado «falso rei de Veneza»<sup>15</sup>, Marco Túlio Catizone. D. João de Castro, depois de uma fase inicial de descrença<sup>16</sup> – tinha-se envolvido com este pretenso rei de uma forma empenhadíssima desde 1598<sup>17</sup>... Durante cinco anos, como muitos outros portugueses, concentrou nele todas as esperanças que estarão por trás da feitura do *Discurso*<sup>18</sup>, da *Ajunta*<sup>19</sup>, e da *Paraphrase*<sup>20</sup> impressas em Paris em 1602 e 1603. A sentença do «Rei» e de alguns dos seus cúmplices<sup>21</sup>, em S. Lúcar de Barrameda, no dia 23 de Setembro de 1603<sup>22</sup> contrariava as suas mais arreigadas convicções.

<sup>14</sup> D. João de CASTRO, *Aurora...*, ed. cit., p. 4 v.; Concluirá a obra em Abril de 1605. Nas últimas linhas escreve: «quanto a El Rey Dom Sebastião Nosso Senhor? não sei nenhũa cousa çerta de novo, depois d'elle ser sumido em Hespanha em São Lucar de Barrameda, no mes de Setembro de Mil e seis çentos e tres: ate hoje vinte e oito de Abril de Mil e seis çentos e çinco, em que acabei de compor este livro na çidade de Paris. He verdade que podera <eu> dizer algũa cousa do que me parece por via das profeçias, açerca da saida do carcere a liberdade, e do ultimo appareçimento do dito Senhor, assi como a communiquei a amigos: mas polla não saber de çerto, senão somente de juizo lançado per Propheçias: por isso a callamos agora, remetendoa ao effeyto que Deos tem em segredo. Então a publicaremos de todo, e o fundamento della» – D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 1440 v.

<sup>15</sup> Sobre os vários falsos reis «D. Sebastião»: Torres de LIMA, *Compêndio das mais notáveis cousas que no Reyno de Portugal acontecerão desde a perda de el-Rey D. Sebastião até o anno de 1627*, editado em Lisboa em 1630 – cap. VLIV; José Pereira BAIÃO, *Portugal Cuidadoso e Lastimado* (Lisboa, 1737 – liv. V); Miguel D'ANTAS, *Les faux Don Sébastien. Étude sur l'histoire du Portugal*, Paris, Auguste Durand, 1866 (*Os falsos D. Sebastião*, ed. Francisco Sales Loureiro, Lisboa, Heuris, s.d.); Yves-Marie BERCÉ, *Le roi caché*, Paris, Fayard, 1990; Lucette VALENSI, *Fables de la mémoire. La glorieuse bataille de trois rois*, Paris, Seuil, 1992.

<sup>16</sup> «Chegado o anno de noventa e oito, porque eu esperava: começi de renovar de novo na memoria de meus amigos as esperanças e o que cuidava Del Rey Dom Sebastião, segundo as Propheçias: e posto que neste caso não ouvesse então, senão trevas espeçissimas d'elle, nem onde coubesse pera com elle tal confiança. Estando isto neste termo: reçebi hũa carta de Veneza no principio de Agosto do dito anno, como era chegado aella hũ homem de pouca conta, que affirmava desi ser El Rey D. Sebastião: e que de nenhũa maneira se parecia com elle». – Cf. D. João de CASTRO, *Segundo Aparecimento del Rey D. Sebastião...*, ed. cit., p. 71 r.

<sup>17</sup> Cf. João Carlos Gonçalves SERAFIM, *D. João de Castro, «O Sebastianista»...*, ed. cit., pp. 199-291.

<sup>18</sup> D. João de CASTRO, *Discurso da vida do sempre bem vindo, e apparecido Rey D. Sebastião, o Encuberto des de seu nascimento ate o presente: Feito, e derigido por D. João de Castro aos Tres Estados do Reyno de Portugal*. Paris, impresso por Martin Verac, 1602. (cópia do exemplar impresso), B.N.L., cód. 399.

<sup>19</sup> D. João de CASTRO, *Ajunta do Discurso preçedente aos mesmos Estados pello mesmo autor; em a qual os averte de como El Rey de Hespanha se houve com El Rey D. Sebastião, depois que o teve em seu poder*, 1602, (cópia manuscrita do exemplar impresso), B.N.L., cód. 399.

<sup>20</sup> D. João de CASTRO, *Paraphrase e Concordancia de algũas propheçias de Bandarra, Çapateiro de Trancoso*, Paris, 1603.

<sup>21</sup> Juntamente com Marco Túlio foram sentenciados 21 indivíduos, sendo muitos deles calabreses e napolitanos. Na «Relação de execução» escreve-se: «El dicho marco tulio calabres fue arastrado, cortada la mano derecha y ha horcado, y hecho quartos puestos por los caminos, y su caveza puesta en lugar pp.<sup>co</sup> y lo mesmo la mano derecha» – R.<sup>on</sup> de la ex.<sup>on</sup> de la justiça que por mandado de S. M.<sup>a</sup> se hizo en S. Lucar de Barrameda, martes, 23 de set.<sup>e</sup> 1603, por la caussa del calabres finzido Rey de portugal, A. G. S., *Estado*, maço 193.

<sup>22</sup> «Alguns que estarão com os olhos muy longos apos isto, folgaram muyto pera alivio de seus animos, de saber

Os meses que precederam o encetar de *A Aurora* haviam sido dolorosamente gastos na difícil «digestão» dos acontecimentos... As notícias – agora repetidas e certificadas... – de que o preso que tinham por rei de Portugal fora, de facto, horripelantemente sentenciado, obrigam D. João de Castro a reler de uma forma frenética e a trabalhar com especial cuidado e minúcia todos os fundamentos, na tentativa de interpretar os factos e de provar que o noticiado só poderia ser um «embuste castelhano» que importava desmascarar... Com toda a certeza, tudo aquilo que se dizia ter acontecido não passava de mais um «estratagema» de Espanha para desmoralizar e extinguir a esperança dos portugueses... Mesmo atendendo só às contingências humanas não concebia que Filipe III fosse capaz de matar D. Sebastião...

E reconhece que aquilo que chama «estratagema de S. Lucar» – por acreditar que se tratara de um acto enganoso, propagandístico – teve o efeito desejado entre os portugueses. Quase todos perderam a esperança: para a maioria passou a ser opinião unânime que D. Sebastião tinha morrido em África e que o preso de Veneza era um impostor...; alguns acreditavam que o preso era D. Sebastião e que Espanha – mesmo que, em S. Lúcar, o tivesse feito fingidamente – num curto espaço de tempo sentenciá-lo-ia...; A fé só persistiu nos que «poseram todas suas esperanças em Deos crendo suas palavras e promessas e finalmente em suas profecias»<sup>23</sup>...

*A Aurora* começa com uma longa metáfora – que é também uma explicação alegórica do título da obra – entre o momento sombrio que os sebastianistas viviam e uma alvorada enevoada que precede o nascer de um dia prenhe de luz:

*«Quem ha, a quem a Manhaam em começando de romper, não alegre todos os espiritos, indaque não amanheça de todo? Ou qual he o dia, por mais fermoso que seja, que não tenha sua manhaam? tão graciosa muytas vezes, como aparece depois em sua fermosura. Costuma romper a Alva primeiro, de claridade em claridade, ate naçer o sol com os rayos emneoados, pareçendo que não pode abrir os olhos como dorminhoco. Depois desempeçandoos das nuvens, e resplandecendo em sua força pello universo; não ha ja quem se lembre da manhaam, com a fermosura do dia. E com muyta razão: porque não tem entre si nenhũa comparação, pois elle he o porque se espera, e o que enche os desejos dos Mortaes: e ella não he que hũa Alvorada que lhes da do comprimento, e chegada delles.*

---

hoje algũas çerteza do aver he feito do dito senhor, e onde esta. No que os não posso servir, por não saber mais que sumido El Rey de Castella depois de fazer em São Lucas o Setembro passado, aquella justiça puplica por sua causa, nos que achou comprendidos que lhe assistiam dalgũas maneira pera fim de sua liberdade, com reconhecimento verdadeiro de quem era» – Cf. D. João de CASTRO, *Aurora...*, ed. cit., p. 5

<sup>23</sup> D. João de CASTRO, *Segundo Aparecimento del Rey D. Sebastião...*, ed. cit., p. 166 v.

*Contudo quem podera negar a alegria que a Aurora tras quando começa, e a graça que tudo recebe com ella? Vese desaparecer a escuridão pouco a pouco: as sombras pareçe que fogem: o medonho vayse fazendo bem assombrado. Começase de mostrar cada cousa por si: appareçe a tapeçaria da Natureza: as flores dam vista de si com tão lindo carão como he o da mesma madrugada: finalmente tudo se descobre alegre, e risonho (...) Da mesma maneira he esta Alvorada antes da saida desse Sol Encuberto, El Rey Dom Sebastião Nosso Senhor: com a qual não ira logo cada hũ differençando a sua ventura, como o fara em alto dia; nem ainda emxergara de todo a universal, pareçendolhe quasi tudo sombras em lugar de cousas. Mas depois, sera tal a beleza do dia, e tão luminoso o resplendor das bemaventuranças profetizadas; que não pareçera nada esta Aurora junto dellas: nem avera quem saiba tirar os olhos dellas pera ella, de transportado da gloria de seu tempo, e da immensidão da felicidade, que todos, passados e por vir, compreendera»<sup>24</sup>.*

Neste sentido, o tal «artificio castelhano» era imprescindível para o cumprir das profecias que falavam repetidamente do rei duas vezes tido por morto e duas vezes aparecido... Se a morte figurada não fosse crença popular, o cativo em causa não seria o rei D. Sebastião<sup>25</sup>... Pela primeira vez isso cumpriu-se em África e agora voltava a verificar-se com o que acontecera em S. Lúcar. Por isso, as notícias que lhe chegavam a Paris só lhe reforçavam a convicção de que o indivíduo que vira em Veneza era mesmo o rei de Portugal que, naquele momento, Espanha tinha preso no cárcere mais tenebroso<sup>26</sup>. E depois desta firmeza, deleita-se em anunciar os «milagres» que a misericórdia divina obraria com aquele rei propositadamente humilhado aos olhos do mundo e a sofrer todas as atribulações, indignidades e misérias<sup>27</sup>... Nele, Deus, «Infinito Cirurgião», fará uma «estupenda anatomia (...) não somente pera o tornar aos seus paços, e á sua Coroa Real: mas pera o vir a collocar no mais alto throno do mundo, fazendoho sol delle, e tazendoho pera vir a castigar ao seu proprio Senhor, e a todos os Senhores da terra»<sup>28</sup>. Quem se proclama é o D. Sebastião Imperador, cabeça do Quinto Impé-

<sup>24</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 2 r.

<sup>25</sup> D. João de CASTRO, *Aurora...*, ed. cit., pp. 5 v.; 9 v. Noutro contexto dirá que também muitos portugueses que estavam exilados, muitos deles «castelhanos de coração», deram «o caso por encerrado», e definitivamente, trataram de efectivar a sua acomodação à realidade política nacional... Exemplos disso foram os acordos que os filhos de D. António pretenderam levar a efeito... Na opinião do autor do tratado, como escreve, «pediam (...) villas e castellos, como se tiveram algũ partido: ou por terras que tivessem, ou assitências de Príncipes, ou por algũa authoridade própria, ou por enfim por algũas excellentes partes de merecimentos...» – D. João de CASTRO, *Renovaçam do Tratado Apologético...*, ed. cit., pp. 6 v.; 8 r.

<sup>26</sup> D. João de CASTRO, *Aurora...*, ed. cit., pp. 10 r.-10 v.

<sup>27</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 10 r.

<sup>28</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 7 r; «O que quiser ver brevemente o medonho flagelo que Deos tem aparelhado nestes tempos contra todos os Sarracenos, e Infieis, pellos da Igreja Latina: lea a nossa Quinta Monarquia...» – D. João de CASTRO, *A Aurora*, ed. cit., p. 178 r.

rio que, depois daquela efémera adversidade, aparecerá e protagonizará, com o auxílio da Santa Liga<sup>29</sup>, a conquista do mundo e a restauração do verdadeiro Sumo Pontífice...

E pelas contas que faz, a segunda e última manifestação seria no próximo ano de 1605... A páginas tantas, comentando uma profecia de Reinardo, escreve: «Diz mais, como se alevantaria a grande Aguia passados dous lustros; que contem cada hũ çinco annos. Os quaes dobrados de hũa maneira, fazem os vinta quatro que sua Alteza tinha quando passou a Berberia: e contados de outra, fazem os vinte que meteo em seu desapareçimento. Porventura que são os mesmos oito que soam, des do começo da sua fortuna de Veneza, ate o seu segundo apareçimento: se o Deos ouver de manifestar logo depois delles, no de seis çentos e çinco, como esperamos nelle<sup>30</sup>».

\*\*\*

Outra razão para a referida centralidade é o facto de *A Aurora* funcionar como a «obra modelar», a «construção» que o autor compõe com todo o enlevo, usando o que de melhor resultara do «labor profético» das obras anteriormente escritas e aperfeiçoando-a com o que foi escrevendo nos anos seguintes...

É esse exercício que faz relativamente ao *Tratado da Quinta Monarquia* escrito em latim<sup>31</sup> no ano de 1597: «Este Tratado da Quinta Monarquia – escreve-se numa nota de 1606 – fiz no anno de Mil e quinhentos e noventa e sete: o qual acrescentei no de seis centos e hum: de que neste Iulho de seis centos e seis risquei e tirei muitas cousas, depois que acabei de tirar em limpo o Tratado da Aurora, em que meti muytas desta Quinta Monarchia, concordando com elle...»<sup>32</sup>. E na *Aurora* escreve: «Quando emprendi o trabalho do Tratado da Aurora, pareceome bem por alguns respeytos, tirar da quinta Monarchia muytas cousas pera elle, porque como fazia em lingua vulgar pera todos; quis que todos soubessem tudo, ou quasi. Avendose a dita Quinta Monarquia de imprimir: he neçessario que seja o Latim muyto bem correito, e bem collocado. Na qual tudo o que se achar

<sup>29</sup> Um dos Reis que formará a Santa Liga é o Preste João «que de çerto, segundo profecias, fara então maravilhas nas partes da sua conquista, do mar Roxo, e Orientaes» – Cf. D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., pp. 224 r. – 224 v.

<sup>30</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 521 v.

<sup>31</sup> «Se não fora esta Manham pera todos; ficara escuso do trabalho deste presente capitulo e doutros, com o meu Tratado em Latim da Quinta Monarchia. Mas como a dita lingua não he commua a todos, convem repetirmos delle algũas cousa ou muytas por amor de todos os Portugueses: pois não amanheçe pera ninguem em particular. senão em geral, pera quem se quiser aproveitar» – D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 306 r.

<sup>32</sup> D. João de CASTRO, *Da quinta e ultima Monarchia futura...*, ed. cit., p. 182 r.

riscado, se ha de deixar, e o mais se imprimira; reformandose primeiro pello Tratado da Aurora, com o qual convem que em tudo se conforme da maneira que nelle refiro as cousas, e profeçias, pollas eu ahy por melhor emendadas, e com muito mor diligência e trabalho conferidas. Sem a qual reformação, e conferençia não se imprima della nada, por amor das contradicções, e absurdos, que nella se acharam: de que por estas regras me desdigo»<sup>33</sup>.

Por isso mesmo, com muita frequência se refere ao mesmo *Tratado da Quinta Monarquia* como uma obra concentrada e em bruto que contrasta com a amplitude e a perfeição d'A *Aurora*<sup>34</sup>.

Em 1607, em *Novas Flores* diz que ainda não imprimira *A Aurora* por ser muito dispendioso e porque isso teria outros inconvenientes, referindo-se com certeza às polémicas ainda ao rubro com D. Cristóvão, o filho de D. António<sup>35</sup>... Aliás, escreve *Novas Flores* – e este aspecto foi, durante algum tempo, para nós incompreensível... – sem consultar a *Aurora*, porque frequentemente faz comentários reveladores de que não estava a ter acesso ao que nela havia escrito. Veja-se, por exemplo, o comentário que pôs à margem quando fala do «número ternário»: «Se o que se segue do número ternario: eu o tenho ja posto na Aurora: borrese nũa parte, e fique onde melhor estiver»...<sup>36</sup>; ou «pode ser que tenha eu ja posto isto na Aurora; ou no volume das emendas e assuntos...»<sup>37</sup>. Só nas últimas linhas da obra – escritas em 1612 – declara que tinha, por iniciativa própria, empacotado selado e lacrado o exemplar d'A *Aurora* que decidira não abrir pelos muitos incómodos que isso poderia ter<sup>38</sup>...

<sup>33</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., páginas finais não numeradas; Cf. Também D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 138 r.

<sup>34</sup> «Não quero agora trazer aqui as Propheçias horrendas, e sem conto, que ha contra os maos Ecclesiasticos, e de seus viços: pois que ja brevemente temos tocados algũas na Quinta Monarchia Del Rey Dom Sebastião, que rudemente composemos no anno de Mil e Quinhentos e Noventa e sete: Tambem por que muyto melhor, e mais amplamente o temos feyto no livro da Nossa Aurora» – D. João de CASTRO, *Novas flores...*, ed. cit., p. 27 r.; «açerca do qual temos ja fallado algũa cousa mais largamente, em a Nossa Aurora» – D. João de CASTRO, *Novas flores...*, ed. cit., p. 38 v.

<sup>35</sup> «...o qual [Tratado da Aurora] não temos impresso por ser de grande despesa, como tambem por causa de grandes inconvenientes» – Cf. D. João de CASTRO, *Novas flores...*, ed. cit., p. 45 r.; No capítulo 21 d'A *Aurora*, por exemplo, que mais tarde transferiria para o *Tratado dos Portugueses de Veneza*, tratava destas suas inimizações e das suas causas e apresentava-se como escolhido por Deus para apregoar as glórias futuras do Rei D. Sebastião e da Cristandade... – Cf. D. João de CASTRO, *Tratado dos Portugueses de Veneza...*, ed. cit., pp. 426 e sgts.

<sup>36</sup> D. João de CASTRO, *Novas flores...*, ed. cit., p. 78 v.

<sup>37</sup> D. João de CASTRO, *Novas flores...*, ed. cit., p. 86 r.; «Muyta gente lhe ha de morrer. Sobre isto discorremos mais largo na Aurora» – D. João de CASTRO, *Novas flores...*, ed. cit., p. 49 v.; Outros exemplos pp. 50 v.; 99 r.; 100 v.; 107 r

<sup>38</sup> «Tambem deixo hũ paquete em cadernos, de emendas, e aumentos pera a Aurora. Dos quaes aumentos,

Depois de 1606, portanto – em que passou a obra a limpo –, só a abriria em Setembro de 1609 para fazer os índices e acrescentar algumas anotações marginais<sup>39</sup>... E, com o passar do tempo, servirá como *alma mater* de toda a obra de D. João de Castro, sofrendo diferentes cortes que nunca porão em causa a sua «coluna vertebral»... Foi isso que aconteceu, em diferentes momentos, com os capítulos 21, 22 a 28, 34 e com partes do capítulo 44<sup>40</sup>.

A primeira vez que o fez talvez tenha sido em 1614, quando escrevia a *Segunda Parte da Paraphrase*, para onde transfere os capítulos 22 ao 26<sup>41</sup>. E é, como confessa, com algum desagrado que o faz... Não esconde a sensação que teve de estar – mais para usar o ócio e repouso de que gozava e não tanto para desdizer o que há dez anos havia escrito<sup>42</sup> – a danificar um «edifício» que tanto trabalho e dedicação implicara. Até porque a *Aurora* continua a ser o seu ponto de referência, o escrito sempre a aperfeiçoar<sup>43</sup>... Ao falar, por exemplo, do papel imperial de

---

podem tomar os que parecerem bem, e ajuntallos aas Novas Flores. E senão, acrescentemnos todo ao dito Tratado da Aurora. O qual Tratado, e o volume das emendas, e augmentos, como os tenho empaquetados, sellados, lacrados, e assinados: não os abro, nem desempaqueto, por muytos inconvenientes. Por onde se Deos for servido de me levar: aquelle a quem os meus papeis forem commetidos: pora a diligencia que falta. Aviso mais que se achara hũ caderno pello menos, em que vou assentando algũas Propheçias pera se ajuntarem na Aurora, ou no Tratado das Novas Flores, como parecer melhor ao que tomar o trabalho de o fazer» – D. João de CASTRO, *Novas flores...*, ed. cit., pp. 17-20 v.

<sup>39</sup> Tem nas páginas finais da obra uma nota de nove de Outubro de 1609 em que escreve: «Depois que isto fiz, e sellei os Paquetes: os tornei abrir este Setembro passado, pera fazer hũ Índice geral ao Tratado da Aurora. O qual tenho feyto em borrão: e por não saber quando o poderei por em limpo: determino tornar çerrar os ditos sessenta e sete Cadernos em sete paquetes, sem o meter com elles. Mas quando o poder o alimparei, e ficara de fora. Saibam tambem, que acresçentei allgũas margens na Aurora. / Onde digo que deixo tres livros, ou Cartapaços de Profeçias, escritas de minha mão: saibam que depois disso fiz mais outros tres, num dos quaes se contem os Índices de todas cinco» – D. João de Castro, *A Aurora...* ed. cit., páginas finais não numeradas.

<sup>40</sup> Cf. D. João de Castro, *A Aurora...*, ed. cit., p. 58 do Índice.

<sup>41</sup> «Neste Tratado meti tudo o que se contem em çinco capitulos da Aurora; a saber, no vinta dous, vinta tres, vinta quatro, vinta çinco, e vinta seis: emendando algũas cousas delles, e acreçentando outros. De maneira que os ditos çinco capitulos se tiraram da Aurora, não se imprimindo com ella, porquanto fiz delles Esta Segunda Parte da Paraphrase de Bandarra» – D. João de CASTRO, *Segunda parte da Paraphrase...*, ed. cit., p. 340 r.; Cf. D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., páginas finais não numeradas, depois do «Índice dos começos dos ramos, e versos das Trovas».

<sup>42</sup> Cada hũ pode julgar as dificuldades que se me atravessariam; se as quiser tirar pellas que se oferecem aos que depois de terem consumados os edifições cuydam em os desmanchar todos, ou parte, por lhes passar pella imaginaçam outra melhor traça. Mas como o premio, e a esperança delle são o mais forte, o mais real, e o melhor conduto de todos os trabalhos, e dificuldades: eu que a tenho firmissima d'elle, e não qualquer: cuydo que não faço nada disto» – D. João de CASTRO, *Segunda parte da Paraphrase...*, ed. cit., (prólogo), p. 3 v.

<sup>43</sup> «No volume da Aurora faço mençam de hũa profeçia feyta nũ hieroglyphico: o qual porque nem o tinha, nem me lembrava bem: deixei de o escrever então, contentandome com somente a mençionar. Agora que o achei em estampa velha, queroho debuxar aquy pello meudo: por ser do Papa Angelico, e d'El Rey Dom Sebastião» – D. João de CASTRO, *Segunda parte da Paraphrase...*, ed. cit., p. 152 v.

D. Sebastião e dos últimos tempos gloriosos em que seria protagonista, refere: «Todas estas cousas vera o Leytor profetizadas por muytos e muytas vezes, em todo o volume da nossa Aurora»<sup>44</sup>... E o mesmo acontece quando menciona o que os oráculos sibilinos diziam sobre o Anticristo<sup>45</sup> e aquilo que o Beato Amadeu proferira sobre «Mafamede»<sup>46</sup>...

De certa forma este débito justifica-se, porque com a feitura desses outros escritos não queria mais que aperfeiçoar ou ampliar o conteúdo da obra genetriz... O *Tratado das Ordens* – iniciado em Setembro de 1614<sup>47</sup>, terminado em 30 de Outubro do mesmo ano<sup>48</sup> e posteriormente acrescentada em 1617<sup>49</sup> e em 1620<sup>50</sup> – foi feito com o intuito de ampliar e pormenorizar o que n’*A Aurora* havia dito, sucinatamente, sobre as profecias de Joaquim de Flora relativas às «religiões futuras»... A páginas tantas, em *A Aurora*, encontra-se a seguinte nota: «Convinha que por magestade da Terçeira pessoa, e por solennidade do proposito; ornassemos este lugar com algũas joyas das muytas, e muy ricas, que o Veneravel Abbade deixou nos tesouros de suas Obras; sobre as Religiões, que depois delle se aviam de fundar. O que fizemos quando compusemos esta Aurora. Mas cayndo nos depois como seria melhor fazer hũ Tratado a parte das taes Ordens: fizemolo assi, tirando todo o resto deste capitulo, em que tratavamos dellas. Poronde ao seu Tratado remetemos os Leytores. Borrey, e mudei isto, cortando as dezasete folhas seguintes, porque as meti noutro Tratado a parte. Portanto a esta folha mil e sessenta e seis, se deve seguir a Mil e oytenta e quatro, onde começa: A ultima tecla etc.»<sup>51</sup>. E o capítulo 21,

<sup>44</sup> D. João de CASTRO, *Segunda parte da Paraphrase...*, ed. cit., p. 61 r.

<sup>45</sup> Cf. D. João de CASTRO, *Segunda parte da Paraphrase...*, ed. cit., p. 87 r.

<sup>46</sup> D. João de CASTRO, *Segunda parte da Paraphrase...*, ed. cit., p. 90 r.

<sup>47</sup> «Assentamos no princípio deste mes de Setembro de Mil, e seis çentos, e quatorze, de tomar novo trabalho, e compor per si este Tratado das Ordens:» – D. João de CASTRO, *Tratado das Ordens...*, ed. cit., p. 3 v.

<sup>48</sup> «Dos erros que se acharem neste Tratado, e em todos os mais meus: me desdigo, sogeitandome em tudo á correição da Santa Madre Igreja, Catholica, Apostolica Romana: em cuja Fe me criei, e tive sempre, e protesto de morrer. Hoje trinta de Outubro, de Mil, e seis çentos, e quatorze, nesta çidade de Paris, em casa de Diogo Manoel» – Cf. D. João de CASTRO, *Tratado das Ordens...*, ed. cit., p. 299 v.

<sup>49</sup> «Pollo qual fundamento concluo; Que Doze foram os Primeyros em que começou a Evangelica, e Apostolica Religião dos Reverendissimos, zelozissimos, e Doutissimos Religiosos da Companhia de Jesu: na qual, e nos quaes se cumprem as Concordias, e Propheçias do numero Duodenario de Doze. Hoje em Paris sete de Abril, de Mil, e Seis çentos, e dezasete» – Cf. D. João de CASTRO, *Tratado das Ordens...*, ed. cit., p. 5 v. (do capitulo anexo).

<sup>50</sup> «Quaderno de algũas cousas que se devem acreçentar ao Tratado das Ordens, em Paris a 15 de Maio de 1620» – Cf. D. João de CASTRO, *Tratado das Ordens...*, ed. cit., capa de um caderno anexo...

<sup>51</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 1065 v.; Cf. D. João de CASTRO, *Tratado das Ordens...*, ed. cit., p. 2 r.; D. João de CASTRO, *Tratado das Ordens...*, ed. cit. (capítulo anexo ao fim da obra), p. 2 v.

de cariz autobiográfico, tirou-o em 1621<sup>52</sup> para o que viria a ser o *Tratado dos Portugueses de Veneza*, embora, como refere, ganhasse agora a forma de vários capítulos<sup>53</sup>...

Mesmo nas obras que a ela não são tão devedoras, *A Aurora* continua a ser uma referência incontornável, o escrito mais acabado para o entendimento dos mistérios futuros, encarados, por exemplo, no advento do Papa Angélico<sup>54</sup>... Por isso mesmo, é a obra que mais relê, que enriquece com pequenos comentários, que anota no sentido de fazer referências aos temas posteriormente tratados de uma forma mais exaustiva... Num apontamento paralelo, por exemplo, faz referência a *Declarações ao Profeta Daniel* iniciada em 3 de Julho de 1613, escrevendo: «No liuro de mão que temos feyto, de declarações sobre algũs passos de Daniel, damos mais razão de nós açerca desta, e doutras opiniões...»<sup>55</sup>; ou aquele em que escreve: «Remetemos nesta Aurora em todos os passos do Apocalypse que trase-mos: ao livro das declarações que fizemos sobre algũs mysterios delle. Como nos de Daniel ao que compusemos sobre elle»<sup>56</sup>. Outras vezes são interpretações que salienta como já confirmadas pelo andar dos tempos... Por exemplo, a páginas tantas, ao comentar uma profecia que havia tirado de «um livro de mão do Colégio da Sorbone» e que a determinada altura dizia «et cum pullus iuvenalis tria septena compleverit; multiplicauit ignis vorans», rasurando o comentário original bem menos incisivo, escreve: «O Poldro iuvenal sinifica El Rey de Castella,

<sup>52</sup> «Tirei deste paquete tres quadernos, des da folha quinhentos, e setenta, ate a seis çentos e nove inclusivamente, onde estava o capitulo vinta hũ desdo princípio, com o mais delle. Hoje trez de Outubro de Mil e seis çentos e vinta hũ. A saber o quaderno vigesimo setimo, e vigesimo oitavo» – D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 569 v.

<sup>53</sup> «Quando compus o volume da Aurora vendo que podia morrer, e ficar por sair por mim, sem dizer duas palavras sobre minhas cousas: determinei de fazer o capitulo vinte e hũ della, todo sobre ellas. No qual fuy tão longo, conforme aos demais da dita obra: que gastei nelle dezaseis folhas e meã de papel escritas em letra grande, e regras apartadas. Começava elle no quarto quinhentos e setenta: e acabava no seis centos, e vinte e hũ. Agora quando fazia este Tratado, pareceome bem tirallo donde estava, e collocallo aqui como faço»... – D. João de CASTRO, *Tratado dos Portugueses...*, ed. cit., p. 424 r.

<sup>54</sup> Cf. D. João de CASTRO, *Segundas Exposiçoens mais amplas, e com outras declaraçoens sobre o Apocalypse*, Paris, 1612, B. N. L., cód. 4378, pp. 12 r.; 17 v.; 258 v.; «No meu livro intitulado Aurora, que tenho feyto ha não sei quantos annos, mas não impresso: escrevo largamente sobre este santíssimo varão [referindo-se ao Papa Angélico]» – D. João de CASTRO, *Segundas Exposiçoens...*, ed. cit., pp. 92 r.; 198 r.; «E polla reformaçam celes-tial que ha de aver na Igreja que eu não sei engrandecer, por mais que digo na Minha Aurora» – D. João de CASTRO, *Segundas Exposiçoens...*, ed. cit., p. 268 r.; «Acerca deste propósito, como estamos representados em milhares de mysterios no povo de Deos da Ley Escrita: fomos em todos nossos tratados impressos e por imprimir (...) O em que o temos feyto mais amplamente he no da Aurora. Por onde deixando o que nelle esta: convidaremos os Leytores com outros novos lugares da Escritura...» – D. João de CASTRO, *Avizos Divinos, e Humanos pera os Memorandos Conquistadores...*, ed. cit., p. 185 v.

<sup>55</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 267 r.

<sup>56</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 292 r.

Dom Felipe Terçeiro, do nome, que hoje reyna. O qual desde vinte, e hũ anno, pouco mais ou menos, da sua idade, como sinificam os tres setes: multiplicabitur ignis vorans: palavras muy sinificativas, e muy cheas de ameaças e effeytos, como ja hoje vimos, treze de Agosto de Mil e seis çentos e vinta çinco (...)»<sup>57</sup>.

A obra de D. João de Castro nada inova no que diz respeito ao «programa» profético. O «desenho» do quinto império, do «século áureo», era uma revelação comumente aceite – revelada por canónicos e não canónicos, desde Daniel até Joaquim de Flora... – e quase unanimemente interpretada ao longo dos séculos... Estava sobejamente anunciado que o povo cristão destroçaria e aniquilaria todos os potentados inimigos da Igreja católica e senhorearia todo o universo<sup>58</sup>...

D. João de Castro é o primeiro a reconhecer esse facto... Logo na *Quinta Monarquia* escreve: «supporemos o que por tantos esta prophetizado, que não ha, excepto Christo, ou tocante a elle em estyllo, outras cousas que sejam tão repetidas e encomendas de amplissima notiçia, como as seguintes: convem a saber: A corrupção grande de costumes da Igreja Catholica: O açoute terrivel, que por isso lhe avia de vir: sua grande reformação apos isso, e triumpho militante: A vinda do ultimo Monarcha, com conquista do Universo...»<sup>59</sup>.

Portanto, todo o labor interpretativo do fidalgo sebastianista, aceites estas verdades irrefutáveis, irá no sentido de desvendar «os tempos em que se deviam cumprir» e de que nação haveria de ser o «rei-imperador»<sup>60</sup>... A sua pretensão,

<sup>57</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., p. 1341 v.

<sup>58</sup> Enrico de MAS, *Lattessa del secolo áureo (1603-1625) – Saggio di storia delle idee del secolo XVII*, «Il Pensiero Politico», 8, Leo S. Olschki, 1982; Augusto PLACANICA, *Segni dei Tempi. Il Modello Apocalittico nella Tradizione Occidentale*, Venezia, 1990; C. VASOLI, *Profezia e Ragione – Studi sulla cultura del Cinquecento e del Seicento*, Morano Editore, Napoli, 1974; O. NICCOLI, *Profeti e Popolo nell' Italia del Rinascimento*, Bari, 1987; Jacques SOLÉ, *Les Mythes Chrétiens – De la Renaissance aux Lumières*, Albin Michel, Paris, 1979; *La cattura della fine – Variazioni dell'escatologia in regime di cristianità*, (a cura di Giuseppe Ruggieri), Marietti, Genova, 1992; Paola GUERRINI, *Propaganda política e profezie figurate nel tardo medioevo*, Napoli, 1997; R. RUSCONI, *L'Atessa della Fine. Crisi della Società. Profezia ed Apocalisse in Italia al Tempo del Grande Scisma d'Occidente (1378-1417)*, Roma, 1979; R. RUSCONI, *Profezia e profeti alla fine del Medioevo*, Centro Internazionale di Studi Gioachimiti, Viella, Roma, 1999; Robert E. LERNER, *The powers of prophecy. The cedar of Lebanon vision from the mongol onslaught to dawn of the enlighttenment*, Berkley, Los Angeles, London, 1983; Robert E. LERNER, *On the Origins of the Earliest Latin Pope Prophecies: A Reconsideration, Falschungen im Mittlealter*, MGH, Schriften 33, 5 (Hanover, 1988), pp. 611-635; C. BEAUNE, «De Telesphore á Guillaume Postel. La diffusion du Libellus en France aux XIVème et Xvème siècles», in *Il Profetismo gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento*, ed. cit., pp. 195-211; C. VASOLI, «A proposito delle tradizioni profetiche e millenaristiche nella storia religiosa italiana, tra la fine del Quattrocento e gli inizi del Cinquecento», in *Civitas Mundi. Studi sulla cultura del Cinquecento*, Roma, 1996, pp. 17-42 (17).

<sup>59</sup> D. João de CASTRO, *Da quinta e ultima Monarquia futura...*, ed. cit., p. 7 r.

<sup>60</sup> D. João de CASTRO, *Da quinta e ultima Monarchia futura...*, ed. cit., p. 18 r.

claro está, era a de provar que muitos se tinham enganado no que dizia respeito ao momento e aos protagonistas do projecto exposto... Esses eventos gloriosos para a Cristandade aconteceriam no seu tempo, e a «cabeça do quinto império» seria o rei português desaparecido em África e agora encoberto...

Depois d'A *Aurora* – também porque teve tempo e condições emocionais para isso... – D. João de Castro passa a distender e a aprofundar esta conspexção histórica... À excepção das obras de carácter apologético, todas as que escreveu vão nesse sentido... No essencial, pouco acrescentando ao «esquema» apresentado, enriquece a sua fundamentação bíblica e profética, tornando-o mais consistente... Como se de uma tapeçaria se tratasse, de uma forma paciente e minuciosa, tece os «lugares vazios» e aperfeiçoa os contornos mais grosseiros.

Entre as muitas fontes hauridas ganha clara relevância o filão *joaquimita* ou, com mais rigor, o *pseudo-joaquimita*, manifestação verdadeiramente europeia que ganha neste contexto tonalidades lusas. Temas como a recuperação de Jerusalém, a conversão universal, a propagação do Evangelho por todo o mundo, a vinda do papa angélico e do último imperador fervilhavam há muitos anos no seio da ordem dos franciscanos, como *alma-mater* a mítica obra de Joaquim de Flora que corria misturada com as profecias de Merlin, de Cirilo, das Sibilas etc., e espalhavam-se por todo o ocidente europeu funcionando como *leit-motiv* de insatisfações e anseios... E no que à literatura «em português» diz respeito, D. João de Castro é, de facto, o primeiro<sup>61</sup> e, provalvemente, o mais empenhado leitor e adador das obras atribuídas a Flora...; a sua obra é a mais sistemática na relação e a mais forte na aplicação dessa doutrina ao serviço do sebastianismo português para lhe dar uma dimensão universalista... O seu comportamento exegético é todo ele joaquimita porque fundamentado no estudo e na procura de sentidos nas «analogias e concórdias»... É pela sua pena que a visão optimista e progressista do porvir tão característica desta corrente passa a ser uma ascendência essencial no sentimento sebástico. E usa o legado atribuído a Flora não só para

---

<sup>61</sup> Cf. José Adriano de Freitas CARVALHO, «Conquistar e profetizar em Portugal dos fins do Século XIV a Meados do século XVI – Introdução a um Projecto», in *Revista de História* (C.H.U.P.), XI (1991/1993), pp. 90-91; Alguns apontaram o *Tratado Da Quinta Monarquia e Felicidades de Portugal profetizadas* de Sebastião de Paiva – um manuscrito de 1641 – como a primeira obra em que seria clara a influência do legado «joaquimita»... – Cf. J. Manuel GANDRA, *Joaquim de Fiore, Joaquimismo e Esperança Sebástica*, Lisboa: Fundação Lusíada, 1999, p. 29; José Eduardo FRANCO, «Joaquim de Flora e sua influência na Cultura Portuguesa», in *Broteria* 151, Lisboa, Out. 2000, pp. 295-296; Frei Sebastião de PAIVA, *Tratado da Quinta Monarquia*, Prefácio e revisão de Arnaldo do Espírito Santo, Introdução de José Eduardo Franco e Bruno Cardoso Reis, Coleção Pensamento Português, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2006. Na nossa opinião, precipitadamente... – Cf. João Carlos Gonçalves SERAFIM, in «Via Spiritus» (Porto), 14 (2007), pp. 144-152.

lhe beber a visão dos tempos e os processos interpretativos, mas também para, ao mesmo tempo, credenciar as profecias nacionais. Com todo o «labor exegético» – que é um trabalho de uma vida... –, com este afã de «coleccionar» profecias na tentativa de encontrar explicações para os acontecimentos contemporâneos, autoriza também o «espólio profético português» – nomeadamente o «juramento de D. Afonso Henriques», as Trovas do Bandarra, a *Apocalypse Nova* do Beato Amadeu<sup>62</sup> – que tem como lugares singulares para desvendar os segredos pátrios<sup>63</sup>.

*A Aurora*, portanto, é um ponto de viragem. O que estava em causa até aí era convencer as hostes de que o rei de Portugal estava vivo e em posse de Castela... Posteriormente – embora com o mesmo nacionalismo e com a «persistente» crença no regresso do rei – o «projecto nacional» vai sofrendo novas tonalidades... O «público-alvo, a massa que pretende acalantar, não é já em exclusivo o povo português, mas a Cristandade em geral... O que o apoquentá é cada vez mais a defesa da Ortodoxia, a luta pela conversão geral, que implica – para além da pertença à Igreja – uma profunda transformação interior... A «ideia-forte» passa a ser a do papel de D. Sebastião na conquista universal, a sua colaboração com o Papa Angélico, a sua «função» imperial...

Vai ficando claro que o desempenho de Portugal e a missão do seu rei está essencialmente ao serviço da defesa da Cristandade, da dignificação da fé profundamente ameaçada... Há como que uma espiritualização do papel político do monarca português, que parece proporcional à atenuação da crença relativamente à vinda concreta do monarca...

No fundo – servindo-se de ideias que tão bem combinavam com o clima contra-reformista que se vivia... – a especulação profética é uma outra forma de «provocar coesão nacional», de promover Portugal além fronteiras, de o enobrecer no quadro das nações... E a par desta militância católica – na linha do que se fizera na *Crónica do Imperador Clarimundo* e em *Os Lusíadas*... – a obra de D. João de Castro está subjugada pela mesma instigação insuperável de perscrutar o tempo futuro da História Nacional...

---

<sup>62</sup> Cf. José Adriano de Freitas CARVALHO, *A difusão da «Apocalypsis Nova»*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto 2002; A. MORISI, «*Apocalypsis nova*» – *Ricerche sull'origine e la formazione del testo dello pseudo-Amadeo*, Roma, 1970 (Studi storici, 77); C. VASOLI, *L' «Apocalypsis nova*: Giorgio Benigno, Pietro Galatino e Guillaume Postel» (1986), in *Filosofia e religione*, pp. 211-229; C. VASOLI, «Dall' *Apocalypsis Nova* al *De harmonia mundi*. Linee per una ricerca», in *I Frati minori tra '400 e '500* (atti del XII Convegno internazionale di studi francescani), Assisi 1986, pp. 257-291 (reimpresso in *Filosofia e religione*, pp. 211-229).

<sup>63</sup> Cf. João Carlos Gonçalves SERAFIM, *D. João de Castro, «O Sebastianista»*, ed. cit., pp. 445-576.

\*\*\*

Outra prova do trabalho reflectido que a esta obra dedicou são as últimas páginas em que exterioriza a vontade de que, morrendo sem isso concretizar, alguém se dedicasse a ultimar o escrito e a promover – em França ou em Portugal – a sua impressão: «Pareçome necessario – escreve – deixar esta lembrança neste ultimo caderno limpo, sessenta e sete, da Aurora: pois todos avemos de morrer, e nenhũ sabe o quando. Poronde quero dar algũa razão do que deixo, e descobrir minha ultima vontade açerca deste volume: pera que aquelle, a quem eele ficar, tenha per que se governe, e saiba de minha ordem, e determinação»<sup>64</sup>.

E é impressionante a congruência com que planeou, ao mais ínfimo pormenor, a tal almejada impressão da obra predilecta. Apesar de todo o empenho, havia ainda muito que aperfeiçoar, porque «por falta dos livros raros, e culpa dos escrivães» era natural que aparecessem erros consequentes do pouco cotejo... No caso de se imprimir em França, era sua vontade que o original fosse levado para Portugal e se pusesse nalguma «livraria de religiosos» da cidade de Lisboa, Coimbra ou Évora, para que se pudesse confirmar que a impressão era fidedigna...

A edição devia ter «alguns índices pello Alphabeto, os mais copiosos que poder», um de autores e livros e outro de «cousas notaveis»<sup>65</sup>; devia ter em anexo, em latim, o primeiro e segundo capitulo de Cyrillo – com o respectivo comentário de Joaquim de Flora – que se encontrava no fim do *Tratado da Quinta Monarquia*; o título devia ser «A Aurora de Dom João de Castro», mas se se imprimisse em França dever-se-ia escrever «A Aurora de Dom João de Castro, Fidalgo Português»; por cima das folhas escrever-se-ia «A Naçente Do Tempo Felize» ficando a primeira metade no cabeçalho de uma folha e a segunda metade no cabeçalho da folha seguinte.

Relativamente ao frontespício, é ainda mais requintado o pormenor: «No frontispício da Obra hão de ir duas figuras de talho doce, ambas pegadas hũa com outra: ficando á mão direita a do Papa: e á esquerda a Del Rey Nosso Senhor. A do Papa ha de ser hũ frade de São Françisco, descalço, com habito velho, e roto: de idade de çincoenta pera sessenta annos, homẽ grande de corpo, de grande rosto, nariz, e orelhas, mas de muy boa graça: barba comprida, e não muyta das ilhargas. Ha de ter aos pes a Mitra papal com as Chaves. Se se imprimir senão ja

---

<sup>64</sup> D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., páginas finais não numeradas.

<sup>65</sup> «na letra S, onde entra o nome Del Rey Dom Sebastião: devese por: El Rey Dom Sebastião morto: Aparecido: Vençido: Encarçerado: Triunphante: Dezaseista Geraçam: com tudo o demais. Mas hamse de numerar iuntamente os lugares de cada cousa em particular, pera que se possa logo ir ver no corpo da Aurora, e se possa buscar tudo com facilidade» – Cf. D. João de CASTRO, *A Aurora...*, ed. cit., páginas finais não numeradas.

depois de Eleyto o Papa Angelico: então sera a figura conforme á sua pessoa em habito Papal. A figura Del Rey ha de ter a Coroa Real aos pes, e as Quinas Reaes nella. Porem se a do Papa for em vestiduras Pontificaes: tambem então a de sua Alteza ha de ser nas suas Reaes, com a Coroa na Cabeça, e as Quinas no seu manto. Por derrador destas duas figuras hão de ir as pallavras seguintes: Cum Magno Pastore Resurget Rex Magnus. Amadeus Rapto Octavo. Nas costas da folha destas figuras, hão de ir as Quinas Reaes: e por derrador dellas o seguinte: Dom Sebastião Por Graça De Deos Rey de Portugal, E Obra Admiravel sua».

Quando cita os vaticínios dos papas, quando fala no Papa Angélico ou na vida de Joaquim de Flora – desejos que procurámos contentar... – dever-se-iam pôr as figuras impressas na edição de Regiseldo<sup>66</sup>... O mesmo se fará no princípio do capítulo em que fala do Beato Amadeu – cuja feição deve ser «como as ha em Italia: e senão seja hũa figura de frade Francisco com socos, homẽ velho, e desfeyto de penitência, mas pintado em arrabatamento» –, e de Bandarra que deve ser como a que está na *Paraphrase*; devem também pôr-se nos devidos lugares uma imagem do aparecimento de Cristo ao rei D. Afonso Henriques, a do beato Anselmo, a de S. Methodio: a da Sibylla Erythrea...

A letra convinha que fosse a «Gros Romein», as partes sublinhadas dever-se-iam por em itálico; nas margens deveriam imprimir os autores e as obras citadas; e as Trovas de Bandarra e os versos de Camões deveriam ser em duas letras diferentes da restante obra...

Com esta oportunidade de publicar *A Aurora*, como que concretizamos nós os projectos que o autor – por vicissitudes da história... – não conseguiu efectivar...

---

<sup>66</sup> *Vaticinia, siue, Prophetiae Abbatis Ioachimi & Anselmi episcopi marsicani ... quibus rota et oraculum turcicum maxime considerationis adiecta sunt: vnâ cum praefatione et adnotationibus Paschalini Regiselmi, apud Ioannem Baptistam Bertonom, Venetiis, 1600.*